
Linguagem cinematográfica na formação de professores de surdos: um relato de experiência

Cinematographic language in the education of teachers of the deaf: an experience report

Lenguaje cinematográfico en la formación de docentes de personas sordas: un relato de experiencia

Ensino & Linguagens

KAWASE, Eduarda Megumi

Universidade Federal de São Carlos

eduardakawase@estudante.ufscar.br // <https://orcid.org/0000-0003-2237-0515>

COSTA, Otávio Santos

Universidade Federal do Maranhão

otavio.costa@ufma.com.br // <https://orcid.org/0000-0002-2264-3942>

Resumo:

O presente relato de experiência está situado no campo da formação de professores e outros profissionais interessados na educação de alunos surdos e tem como objetivo apresentar algumas relações estabelecidas a partir das vivências de uma oficina de cinema e as possibilidades de ações pedagógicas na educação básica baseadas nessa prática. O relato de experiência se constituiu pela observação participante dos ministrantes do minicurso. Como resultados, todo o processo do minicurso proporcionou a discussão conjunta entre professores e estudantes interessados na educação de surdos, tendo como ponto de partida que a língua de sinais está inscrita na modalidade visual, e também possibilitou conhecimentos aos participantes de elementos básicos para criar narrativas visuais com estudantes surdos, considerando e respeitando a singularidade linguística e cultural desse público.

Palavras-chave: Formação de professores; Educação bilíngue de surdos; Visualidade.

Abstract:

This experience report is situated within the field of teacher education and other professionals interested in the education of deaf students, and it aims to present some relationships established through the experiences of a film workshop, as well as the possibilities for pedagogical actions in basic education based on this practice. The experience report was developed through participant observation conducted by the minicourse instructors. As a result, the entire minicourse process fostered joint discussions between teachers and students interested in deaf education, taking as its starting point the understanding that sign language is rooted in the visual modality. It also provided

participants with knowledge of basic elements for creating visual narratives with deaf students, considering and respecting the linguistic and cultural singularity of this group.

Keywords: Teacher education; Bilingual education for the deaf; Visuality.

Resumen:

El presente relato de experiencia se sitúa en el campo de la formación de docentes y de otros profesionales interesados en la educación de estudiantes sordos, y tiene como objetivo presentar algunas relaciones establecidas a partir de las vivencias de un taller de cine y las posibilidades de acciones pedagógicas en la educación básica basadas en esta práctica. El relato de experiencia se constituyó a partir de la observación participante realizada por los responsables del minicurso. Como resultados, todo el proceso del minicurso propició la discusión conjunta entre docentes y estudiantes interesados en la educación de sordos, tomando como punto de partida que la lengua de señas está inscrita en la modalidad visual, y también brindó a los participantes conocimientos sobre elementos básicos para crear narrativas visuales con estudiantes sordos, considerando y respetando la singularidad lingüística y cultural de este público.

Palabras claves: Formación docente; Educación bilingüe de sordos; Visualidad.

INTRODUÇÃO

O presente relato de experiência está situado no campo da formação de professores e outros profissionais envolvidos e/ou interessados na educação de alunos surdos e tem como objetivo apresentar algumas relações estabelecidas a partir das vivências de uma oficina de cinema e as possibilidades de ações pedagógicas na educação básica baseadas nessa prática. A oficina de cinema foi realizada durante um curso de curta duração (minicurso) que teve como objetivo principal apresentar elementos básicos de linguagem cinematográfica para, a partir da discussão sobre uso de imagens e visualidade na educação de surdos, analisar as possibilidades de sua aplicação na educação básica.

Educação bilíngue de surdos e o uso de imagens

No Brasil, a Educação Bilíngue de Surdos é modalidade educacional regulamentada pela Lei nº 14.191/2021, que altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) (Brasil,

2021). O Bilinguismo, preconizado por lei e defendido como abordagem ideal para educação de surdos em diversas obras (Lacerda, 1998; Lodi; Lacerda 2009; Lodi; Mélo; Fernandes, 2012; Vieira; Molina, 2018), surge no século XXI e no Brasil, com o reconhecimento legal da Língua Brasileira de Sinais (Libras) através da Lei nº 10.436/2002 (Brasil, 2002), que representa a proposta de uma educação que valorize a língua de sinais como primeira língua (L1) e o português escrito como segunda língua (L2).

É a partir dessa perspectiva, com a Libras como língua de instrução, que a escola deve garantir o acesso aos conhecimentos e conteúdos historicamente construídos e por ela trabalhados. Para isso, entre outras ações, cabe ao professor tomar decisões didáticas condizentes com as singularidades culturais surdas (Lacerda; Lodi, 2009, p. 15; Lacerda; Santos; Caetano, 2013, p. 192).

Pelo uso das línguas de sinais, surdos são chamados de sujeitos visuais. Numa perspectiva histórico-cultural, é pela materialidade da língua de sinais que os surdos se tornam sujeitos visuais, não por um princípio biológico que sua visão teria sido aumentada pela falta de audição, mas porque, principalmente, são usuários de uma língua visual, enunciam seus textos no plano espacial da mesma forma que organizam seu pensamento a partir desta língua (Peluso e Lodi, 2015, p. 69).

Consonante a isso, em estudo sobre estratégias metodológicas para o ensino de alunos surdos, Lacerda, Santos e Caetano (2013, p. 185) consideram relevante pensar que alunos surdos apreendem de forma visual a maior parte de informações para construção de seu conhecimento e tratam a organização de conceitos em língua de sinais comparando-a com um filme:

Para os surdos, os conceitos são organizados em língua de sinais, que por ser uma língua visuogestual pode ser comparada a **um filme**, já que o enunciador enuncia por meio de imagens, compondo cenas que exploram a simultaneidade e a consecutividade de eventos (Lacerda; Santos; Caetano, 2013, p. 186, **grifo nosso**).

As autoras discutem que para favorecer a aprendizagem dos alunos surdos não basta apresentar os conteúdos em língua de sinais, mas explicar esses conteúdos em sala de aula lançando

mão de toda potencialidade visual da Libras (Lacerda; Santos; Caetano, 2013, p. 186). A partir dessa proximidade da Libras com o formato de enunciação de um filme, entendemos que conhecer os elementos que constituem a linguagem visual e a diversidade de recursos para produzi-la, pode orientar para o letramento visual, ou seja, saber ler, significar e expressar-se por meio de imagens (Santaella, 2012, Locais do Kindle 47).

Nessa perspectiva se faz importante promover a formação de professores para que incorporem nas suas práticas pedagógicas, atividades que potencializem o desenvolvimento das competências de leitura, análise e produção visual, num processo de compartilhamento de significados entre quem produz e quem vê. Diante disso, nos interessa a linguagem cinematográfica, que pode contribuir para formação de professores e elevar do nível intuitivo ao uso intencional e planejado de ações didáticas o uso de imagens na educação de surdos.

Buscamos assim, explorar possibilidades do uso didático das ações de produção de um filme de curta-metragem¹ no contexto da educação básica. Procedemos então com a descrição do desenvolvimento do minicurso e considerações acerca das experiências vivenciadas.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente relato de experiência se constituiu a partir de reflexões sobre aplicação de projeto de ensino, portanto não seguiu os passos formais de uma pesquisa científica. Não obstante, podemos afirmar que houveram procedimentos de coleta de dados a partir da perspectiva da observação participante. A observação participante se caracteriza pelo

contato direto do pesquisador com o fenômeno observado para obter informações sobre a realidade dos atores sociais em seus próprios contextos. O observador, enquanto parte do contexto de observação, estabelece uma relação face a face com os observados. Nesse processo, ele, ao mesmo tempo, pode modificar e ser modificado pelo contexto (Neto, 2001, p.60).

¹ Segundo a Agência Nacional do Cinema (ANCINE) curtas são filmes com duração igual ou inferior a 15 minutos.

Diante disso, a observação participante se caracteriza no presente contexto por serem observadores os próprios ministrantes do minicurso e as reflexões aqui relatadas são produtos dessa relação com o meio.

Desenvolvimento

O relato aqui apresentado é da experiência vivenciada como ministrantes de um minicurso com tema sobre linguagem cinematográfica e educação de surdos, ofertado no ano de 2018, durante o Congresso Brasileiro de Educação Especial, que ocorreu na Universidade Federal de São Carlos, em São Carlos – São Paulo (UFSCar). O minicurso teve duração total de seis horas e foi dividido em três dias, com duas horas aulas diárias e contou com a participação de 15 pessoas (ouvintes e surdos), entre elas professores, estudantes de graduação e pós-graduação, todos com conhecimento de Libras à nível básico.

As atividades aconteceram em uma sala de aula teórica, situada na UFSCar e como materiais e instrumentos para a condução do minicurso, utilizou-se *notebook*, projetor, tela de projetor, câmeras de fotografia (celular) e itens de papelaria. O minicurso foi organizado em perspectiva teórico-prática e os métodos de ensino utilizados foram: aulas expositivas e dialogadas, exibição de vídeos e imagens, discussões em grupo e uma oficina de cinema para produção de um filme.

As discussões teóricas abordaram o uso de imagens e visualidade na educação de surdos, e como atividade prática um filme de curta-metragem foi produzido e filmado pelos alunos participantes. Durante todo o processo de ensino-aprendizagem foram compartilhados conhecimentos e reflexões baseados nos princípios de fotografia e como esses podem ser utilizados como estratégia metodológica ao trabalhar com narrativas com os estudantes surdos.

Experiências vivenciadas

No primeiro dia do curso, foram abordados conceitos básicos de uso de imagens e visualidade na educação de surdos, utilizando apresentação de *slides* e discussão. No dia seguinte, foram apresentados os princípios básicos de fotografia como planos, cortes e movimentos, elementos que são utilizados de maneira combinada que transmitem ideias e emoções na narrativa visual (Monclar, 2009, p. 31).

Ainda no segundo dia de curso, posteriormente à apresentação dos princípios básicos de fotografia, foi proposto à turma uma atividade coletiva de criação de uma história e roteiro, os ministrantes do curso propuseram que a história necessitava de elementos como: Personagem, Lugar, Objeto, Situação e Tempo, formando a ficha PLOSAT². A sigla foi organizada na vertical e preenchidas na lousa pelos ministrantes que mediarão e participaram de todo o processo de elaboração da atividade com os alunos participantes. Além da estratégia de organização das ideias, também foi incentivado à turma que a história criada fosse possível de ser filmada com as condições disponíveis que tínhamos, como instrumentos, materiais, pessoas e tempo, e o contexto no qual estávamos.

Com a criação da história e organização pronta, partimos para a decupagem, que é a transposição do roteiro em planos visuais, assim, um esboço de como seriam filmadas as cenas foi desenhado por um dos ministrantes do minicurso, essa organização quadro a quadro se assemelha à uma história em quadrinhos e por isso é conhecida como *storyboard*. No terceiro dia e último do minicurso, o grupo decidiu coletivamente a participação de cada um na organização e gravação do filme. Alguns ficaram na produção, direção, personagens principais e figurantes, câmeras, fotógrafos, assistentes, etc. Para a filmagem, seguimos o *storyboard*.

Em seguida, passamos para a montagem do filme em grupo, utilizando o programa de edição de vídeo *Movie Maker* (programa descontinuado, fazia parte do pacote do *Windows - Microsoft*),

² Tipo de *brainstorm* comumente utilizado em exercícios de criação de roteiros.

a tela do *notebook* foi projetada para que todos pudessem visualizar o processo e participar das tomadas de decisões.

Devido ao curto tempo do curso, foi realizada coletivamente apenas uma cena como exemplo de procedimentos de edição, após isso, foi finalizada pelos ministrantes do curso e posteriormente compartilhada com os alunos participantes via *Whatsapp* em grupo destinado aos assuntos do curso.

A partir das atividades propostas, da criação da ideia, roteiro, decupagem, gravação e edição, obtivemos um filme de micro metragem, intitulado pelo grupo como “Aluno sacana”, e conta uma história que se passa em uma sala de aula, na qual um aluno pouco interessado na aula, aproveitando-se da oportunidade em que o professor precisa deixar a sala, assina seu nome na lista garantindo sua presença e vai embora.

A narrativa do filme foi construída por enquadramentos - planos e ângulos, e também pelos cortes e transições no momento da edição, não apresentando diálogos falados ou sinalizados. O filme tem duração de 2 minutos e 41 segundos, contando com a narrativa visual, os créditos e fotos de bastidores (*making off*). O filme é o produto da atividade coletiva, no entanto, as reflexões aqui apresentadas se pautam no processo de produção e não no próprio filme.

Todo o processo do minicurso proporcionou a discussão conjunta entre professores e estudantes interessados na educação de surdos, tendo como ponto de partida que a língua de sinais que está inscrita na modalidade visual, e também possibilitou o conhecimento aos participantes de elementos básicos para de criar narrativas visuais, ou seja, filme/vídeo com estudantes surdos, considerando e respeitando a singularidade linguística e cultural desse público.

Com base nas experiências vivenciadas de forma prática e dialogada, podemos concluir que as possibilidades de ações pedagógicas extrapolam a produção de sentidos através de imagens e

condução narrativas. A atividade apresentou uma perspectiva universalista, que se para ao aluno surdo é essencial, também pode contribuir na educação para todos.

O trabalho em grupo, com atribuição de diferentes funções para cada aluno, mas todos engajados com a mesma finalidade, a produção do filme como forma de expressão dialoga com diferentes metodologias ativas de ensino e com os princípios do desenho universal para aprendizagem (Zerbato e Mendes, 2021, p. 4).

Cada etapa e processo da produção do filme, desde a elaboração do texto coletivo, as tomadas de decisão para produção das imagens e as próprias ações de gravação demonstraram potencial didático para desenvolvimento de projetos de diversos temas no contexto escolar, suscitando ainda a demandas por pesquisas científicas que possibilitem melhor trato analítico à temática.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este relato de experiência teve como objetivo apresentar algumas relações estabelecidas a partir das vivências de uma oficina de cinema e as possibilidades de ações pedagógicas na educação básica baseadas nessa prática. Em todo o processo descrito, ressaltamos que foram compartilhados conhecimentos sobre linguagem visual por meio de discussões e da instrumentalização, em nível básico, da linguagem cinematográfica para seu uso de maneira consciente e intencional pelos professores na educação básica em suas ações pedagógicas, tendo como enfoque a educação de surdos que tem na centralidade de seu ensino a língua de sinais, uma língua visual, respeitando assim, a singularidade linguística desse alunado.

Consideramos que o presente relato de experiência também traz contribuições para a área da educação de surdos e da pedagogia visual, ao refletir e apresentar estratégias metodológicas mais adequadas a singularidade linguística e cultural dos alunos surdos. No entanto, como se tratou de

um relato de experiência de vivências de professores em um curso de curta duração, ressaltamos que esta temática pode ser melhor explorada e com maior aprofundamento por outros estudos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002.** Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais e dá outras providências. Brasília, DF. Diário Oficial da União: Seção 1, p. 23. 2002. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm Acesso em: 23 fev. 2026.

BRASIL. **Lei nº 14.191, de 3 de agosto de 2021.** Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), para dispor sobre a modalidade de educação bilíngue de surdos. Brasília, DF. Diário Oficial da União: Seção 1, p. 1. 2021. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2021/lei/114191.htm Acesso em: 23 fev. 2026.

LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de. Um pouco da história das diferentes abordagens na educação dos surdos. **Cadernos CEDES**, 19(46), 68–80. 1998. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-32621998000300007> Acesso em: 23 fev. 2026.

LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de; LODI, Ana Cláudia Balieiro. **Uma escola duas línguas:** letramento em língua portuguesa e língua de sinais nas etapas iniciais de escolarização. 2 ed. Porto Alegre, Editora Mediação, 2009.

LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de; SANTOS, Lara Ferreira dos; CAETANO, Juliana Fonseca. Estratégias metodológicas para o ensino de alunos surdos. In: LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de; SANTOS, Lara Ferreira dos. (orgs). **Tenho um aluno surdo, e agora?** Introdução à Libras e a educação de surdos. São Carlos: EdUFSCar, 2013. p. 185-200.

LODI, Ana Cláudia Balieiro; MÉLO, Ana Dorziat Barbosa de; FERNANDES, Eulalia (Org.). Letramento, bilinguismo e educação de surdos. Porto Alegre: Mediação, 2012.

MONCLAR, Jorge. **Linguagem cinematográfica:** narrando com imagens. Jorge Monclar, Rio de Janeiro. 2009.

NETO, Otávio Cruz, O trabalho de campi como descoberta e criação. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social.** Teoria, método e criatividade. 21 ed. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 51-66.

PELUSO, Leonardo.; LODI, Ana Cláudia Balieiro. La experiencia visual de los sordos: consideraciones políticas, lingüísticas y epistemológicas. **Pro-Posições**, v. 26, n. 3, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0103-7307201507803> Acesso em: 23 fev. 2026.

SANTAELLA, Lúcia. **Leitura de imagens**. Melhoramentos. 2012. Edição do Kindle.

VIEIRA, Cláudia Regina; MOLINA, Karina Soledad Maldonado. Prática pedagógica na educação de surdos: o entrelaçamento das abordagens no contexto escolar. **Educação e Pesquisa**, 44, e179339. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1678-4634201844179339> Acesso em: 23 fev. 2026.

ZERBATO, Ana Paula, MENDES, Enicéia Gonçalves. O desenho universal para a aprendizagem na formação de professores: da investigação às práticas inclusivas. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 47, e233730, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/XrThMT5Hhn6D9CSqcn3HHSM/?lang=pt> Acesso em: 23 fev. 2026.

